Ano XVIII — Lisboa, Agosto de 1962 — N.º 208

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Galardoado com a «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 Admin. 63RR49

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

NO ANO DO JUBILEU

NOVOS RUMOS PARA O ESCOTISMO EM PORTUGAL?

Passa em 6 de Setembro próximo o 49.º aniversário da fundação da Associação dos Escoteiros de Portugal. Entraremos assim em pleno ano do Jubileu, data que tem assinalado por toda a parte um notável esforço de rejuvenescimento e expansão do Escotismo. Tivemos já feliz ensejo de festejar o 50.º aniversário do primeiro grupo de escoteiros e em breve iremos comemorar igual aniversário do segundo e terceiro grupos. Estamos, portanto, perante uma data que não poderá ficar no olvido e a cujas celebrações teremos de emprestar o relevo que realmente merecem. Vai ser, certamente, elaborado conveniente programa comemorativo, e, estamos certos disso, os órgãos superiores do Movimento não deixarão de estabelecer um plano de actividades digno do nome do Escotismo.

Um princípio, porém, importa desde já estabelecer: As comemorações só terão significado válido se não forem mera obra de fachada, mas antes a natural projecção de um Movimento dinâmico, consciente das suas responsabilidades, promovendo poderosa acção educativa entre a juventude de Portugal. De outro modo, seria festejar os anos de um doente na agonia. Cumpre, porém, afirmar que o Escotismo é hoje no mundo o mais importante movimento de mocidade e exerce útil e decisiva influência nos destinos da humanidade, inspirando elevados ideais de paz e boa vontade à gente nova de todos os povos. O nosso possível Leitor, se conhecer apenas o Escotismo em Portugal, esboçará um sorriso de benevolência e dirá: É lá possível que meia dúzia de *carolas*, julgando cada um possuir a fórmula mágica para salvar uma associação inerte, possa ter qualquer influência no futuro dos povos!

O Leitor terá razão se aprecia o Escotismo pela sua pálida expressão portuguesa. Mas, se alargar as vistas, terá ocasião de verificar que, por toda a parte, o Movimento é obra pujante, plena de acção, entusiasmando os novos. A partir do Jubileu, processa-se por todos os Continentes um vigoroso plano de expansão. Na América Latina procura-se ultrapassar a barreira dos 100 mil; nos jovens países da África e da Ásia ensaiam-se, com todo o êxito, projectos de ampla difusão; na Europa e na América dilatam-se mais ainda as fronteiras da grande fraternidade. Somos hoje, entre rapazes e raparigas, mais de quinze milhões. Mas se contarmos, como é natural, aqueles que vestiram a farda, porque *uma vez escoteiro, sempre escoteiro*, seremos 100 milhões ou talvez mais. É impossível calcular com exactidão, mas é número suficientemente grande para exercer influência salutar no mundo contemporâneo. É certo que alguns antigos escoteiros terão negligenciado os ideais da mocidade, mas outros estão aí atentos e *sempre prontos* a bem servir, constituindo activo fermento na sociedade dos nossos dias.

O Escotismo poderá ser simbolizado por aquele jovem negro que durante as horas conturbadas do terrorismo no Congo Belga, quando tantos procuravam fugir e outros roubar, violentar e matar, tentava ele socorrer. Confundido momentâneamente com os malfeitores, cruza os braços na esperança de que a serenidade lhe sirva de credencial. Hoje, ostenta orgulhosamente, como expressiva condecoração, a cicatriz da bala que milagrosamente atravessou entre a mão e o peito, mesmo por cima do seu coração escoteiro, generoso e bom.

Em França, para salvar a juventude transviada, o Estado mobi-

Pag. 2 ——→

Os Bombeiros Voluntários do Dafundo completaram 50 anos de bem servir

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Dafundo tem estado em festa, isto porque no passado dia 3 de Abril completou 50 anos de existência.

É difícil calcular o que, neste meio século de vida, representa a obra levada a cabo por tão prestimosa Associação, já que os seus objectivos têm o elevado cunho altruísta e a sua acção característica do heróico lema dos bombeiros: «Vida por vida». Porém, com a finalidade de dar a conhecer um pouco do que foi a actividade dos Voluntários do Dafundo nestes dez lustros de bem fazer, foi publicado o «Boletim Comemorativo das Bodas de Ouro», sob a direcção do nosso estimado irmão-escoteiro e colaborador sr. Eugénio Ribeiro Nunes, e editado pelo presidente da Direcção e Comandante da Corporação, o nosso amigo sr. José Simões Bento, boletim que inclui variada colaboração literária e resenhas dos diversos aspectos da acção exercida pela Associação e dados históricos e estatísticos.

O programa das celebrações, que se estenderam por vários dias, incluiu uma romagem ao talhão privativo dos Bombeiros no Cemitério de Carnaxide, uma sessão solene em que estiveram presentes diversas entidades oficiais e representantes doutras corporações de bombeiros, do Grupo de Escoteiros n.º 2 e da Fraternal dos Antigos Escoteiros, bem como doutras colectividades.

Após esta sessão, foram inauguradas duas novas viaturas; uma automaca e um autotanque, cerimónia que culminou com uma largada de pombos. Foi colocada no estandarte da Associação em festa a medalha comemorativa das Bodas de Ouro e inaugurada uma boa bi-

Pág. 2 ——→

DOS AÇORES

Grupo N.º 52—Angra do Heroísmo

Acampamento anual dos lobitos americanos

No sábado, 16 de Junho, acamparam na Caldeira do Monte Brasil, os componentes da «Pack N.º 1» dos «Boys Scouts of America» do Estacionamento Americano das Lajes, assim como os respectivos dirigentes, alguns pais e uma delegação do «Troop I» da mesma organização, com o chefe Roy Blanton. Na companhia dos seus irmãos americanos, acamparam igualmente os escoteiros do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal, com o chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, num total de mais de cem pessoas.

O acampamento foi superiormente dirigido pelo chefe, Cap. Alan Bakas, coadjuvado pelo Cap. Deturk, SM Sgt. Meck e outros. Os Escoteiros de Portugal confraternizaram largamente com os seus irmãos americanos, tomando parte nos jogos e brincadeiras,

O acampamento foi visitado pelo Gen. LeBailly, comandante das forças americanas nos Açores e da A. A. T. S., das Lajes, que se fez acompanhar de sua esposa e um filho. O mesmo senhor visitou as diferentes secções do acampamento, tendo-se igualmente detido junto dos Escoteiros de Portugal.

O Fogo de Conselho constou de canções, da apresentação dum ilusionista-amador, de danças típicas de peles-vermelhas por Roy Blanton, e de várias pantominas, das quais três foram apresentadas pelos Escoteiros de Portugal, sob a direcção do chefe adjunto, Ludgero Moreira, enquanto o chefe Moniz Silva fazia a respectiva explicação em língua inglesa.

No Domingo 17, o chefe do Grupo 52 com os seus rapazes e vários escoteiros e dirigentes americanos, assistiram à Santa Missa na histórica igreja de S. João Baptista, espaçoso templo que foi o primeiro monumento erigido em terras de Portugal à restauração da sua independência, e que tão carecido se encontra da assistência da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Enquanto os escoteiros católicos se encontravam na Missa, deslocou-se das Lajes até ao local do acampamento o Capelão-Chefe americano, Major Shinn, que ali dirigiu os serviços evangélicos.

Mais tarde, o chefe Moniz Silva conduziu todos os escoteiros acampados, assim como vários dirigentes, ao Alto do Pico das Cruzinhas, onde tiveram ocasião de apreciar a vista maravilhosa que se disfruta do respectivo miradouro, na base do padrão comemorativo do 5.º Centenário do Descobrimento dos Açores, frente à velha e graciosa Angra do Heroísmo, cidade desde 1534, que ùltimamente se encontra animada por um acentuado surto de progresso e expansão.

Junto ao monumento, o chefe Moniz Silva indicou aos visitantes os pontos históricos mais importantes, aproveitando para lhes fazer uma resenha histórica dos Açores e especialmente da Ilha Terceira e dos acontecimentos heróicos e acentuadamente patrióticos que a colocaram em plano superior, adentro da gloriosa História nacional.

Por fim, o chefe Moniz Silva acompanhou os escoteiros e dirigentes numa demorada visita à histórica Fortaleza de S. João Baptista — o nosso velho Castelo — descrevendo os pormenores mais importantes da sua história e prendendo a atenção dos seus ouvintes, que se mostravam bastante interessados e o interrogavam frequentemente.

No entretanto, foi levantado mais um acampamento, que teve por cenário o admirável quadro natural constituído pelo Monte Brasil, e proporcionou aos campistas, principalmente aos jovens escoteiros, além duma nova oportunidade para estarem em contacto com a natureza, uma belíssima ocasião para se realizar uma profícua jornada de confraternização luso-americana.—*C.*

NOVOS RUMOS PARA O ESCOTISMO EM PORTUGAL?

← *Pág. 1*

liza o serviço dos chefes escoteiros porque a sua invulgar dedicação será profícua na recuperação dos rapazes. Nos orfanatos, nos sanatórios, nos hospitais, aí estão escoteiros e guias na tarefa de dar ânimo aos tristes, aos deficientes, aos inválidos. Não há hoje no mundo empreendimento de carácter altruísta onde se não sinta a marca do Escotismo. Os Escoteiros estão em toda a parte onde é necessário um homem de boa vontade.

Em Portugal já tivemos época florescente. Hoje quase não temos o direito de falar em nome do Escotismo. Pelo menos, no que se refere aos Escoteiros de Portugal somos constrangidos a reconhecer que não existe movimento. É inútil pensar em reagir aqui ou ali, promover esta ou aquela actividade. São acções sem eco, sem continuidade. Nada representam para o futuro do Movimento. Parece-nos que o melhor seria parar, paralisar completamente, para que essa atitude provocasse reacção vitalizadora, exactamente aquela que se impõe no ano do Jubileu do Escotismo em Portugal. Há que estruturar de novo, estabelecer directrizes, criar quadros, formar e organizar grupos, delinear programas e regulamentos, imprimir novos rumos. A África Portuguesa clama pelo Escotismo, sistema educativo indispensável numa sociedade multirracial. Temos de o levar ali a gerar fraternidade, espírito cívico, amor da Pátria. Sem que tudo isto seja feito, as fórmulas *salvadoras* são inúteis e até prejudiciais.

Devem estar errados aqueles que dizem que o Escotismo em Portugal não poderá ser de outra maneira e que esta apatia é o preço da sobrevivência. Recusamo-nos a aceitar esta tese e, por isso, aqui estamos a bater-nos pela urgente e necessária remodelação do Movimento. Compreendemos perfeitamente que as graves responsabilidades sociais dos mais altos dirigentes associativos impedem que dediquem à Associação aquele interesse e cuidado que a presente situação exige. Achamos que é até motivo para admiração que homens absorvidos por missões tão elevadas consintam em sobrecarregar o seu espírito e a sua vida com as preocupações de dirigir uma associação de escoteiros, que desejam ver sempre prestigiada e na maior prosperidade. Devemos-lhes por isso simpatia e gratidão, mas, neste momento tão importante para os Escoteiros de Portugal, ousamos pedir-lhes aquilo que sabemos ser quase impossível, mas que é também imperioso e vital para a associação: Que se debrucem um pouco sobre os problemas do Escotismo e tomem as deliberações que possam conduzir a novos rumos. Só assim poderemos comemorar dignamente o Jubileu do Escotismo.

Temos importante tarefa a realizar junto da juventude de Portugal, excepcionalmente valiosa na hora que o país atravessa. Se não a efectuamos com eficiência, será preferível suspender e esperar melhor oportunidade.

Bombeiros Voluntários do Dafundo

← *Pág. 1*

blioteca, já com algumas centenas de volumes.

Outros números das festividades foram o desfile dos veículos e do pessoal da corporação pelas ruas da zona à sua guarda e um concerto musical pela banda da União do Beato, além de várias reuniões de carácter social.

O Município de Oeiras, compreendendo o valor dos serviços prestados pelos Bombeiros do Dafundo, resolveu conceder à Corporação a mais alta condecoração daquela Câmara: a medalha dos bons serviços.

«Sempre Pronto» associa-se à alegria dos dedicados bombeiros do Dafundo, uma Associação que pelo Escotismo tem demonstrado, em diversas ocasiões, a maior simpatia, símbolo dos humanitários ideais que identificam os dois movimentos.

Apetecemos-lhe longa vida e contínuo progresso para bem de todos quantos necessitarem da sua valiosíssima acção.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

De Luto — Faleceu em Lisboa, no passado dia 28 de Julho, o sr. eng.º Pierre Baradez, pai do nosso estimado irmão-escoteiro e colaborador sr. François Baradez.

O extinto, que contava 70 anos de idade, era natural de Nancy (França) e era chefe da Artilharia Naval Francesa.

À família em crepes e em especial ao nosso amigo sr. François Baradez, apresentamos a expressão do nosso muito sentir.



Como se adivinha um número

O Carlos, subguia da patrulha «Galo», é um rapaz inteligente e de uma grande vivacidade. Por isso, é por todos admirado pelo seu espírito empreendedor e vontade de saber. Consegue assim tomar conhecimento de muitas curiosidades com que intriga os companheiros.

Há dias, numa reunião, volta-se para o Ernesto e diz-lhe:

— Sou capaz de adivinhar o resultado de umas contas que te vou mandar fazer.

— Essa agora... — retorquiu o Ernesto.

— Então vamos lá ver se sou ou não capaz: escreve um número de três algarismos.

E o Ernesto, à sucapa, escreveu num papel: 189.

— Já está.

— Agora escreve outro número, com os mesmos algarismos, mas na ordem inversa.

O outro assentou no papel: 891.

— Pronto.

— Agora subtrai o número mais baixo do maior.

E o Ernesto num ápice fez a conta:

$$\begin{array}{r} 891 \\ -\ 198 \\ \hline 693 \end{array}$$

— Que mais? — pergunta o Ernesto.

— Agora, sob o resultado da subtracção, escreve os mesmos algarismos, mas novamente em ordem inversa e soma. Verás que o resultado é 1089.

E o Ernesto assim fez:

$$\begin{array}{r} 693 \\ +\ 396 \\ \hline 1\ 089 \end{array}$$

— É verdade, tens razão. Como conseguiste adivinhar isso?

Perante a curiosidade do Ernesto, Carlos explicou que nada havia de sobrenatural. Sejam quais forem os números de 3 algarismos, se se proceder às duas operações acima indicadas, o resultado é sempre o mesmo: 1 089. Se não, vejamos:

$$\begin{array}{r} 524 \\ -\ 425 \\ \hline 099 \\ +\ 990 \\ \hline 1\ 089 \end{array}$$

E pronto!

■ ■

Solução do problema n.º 5/62

Se se deixar cair o ovo duma altura de, por exemplo, 1 metro, quando tiver baixado 75 cm. ainda está inteiro porque lhe faltam 25 cm. para chegar ao chão duro. Então aí é que...

É assim ou não é?

Manual de Provas de 1.ª classe

«MAIS ALÉM»

O LIVRO QUE FAZIA FALTA!

172 páginas — Muito ilustrado

ESC. 12$50

Manual de 2.ª Classe «Sempre Pronto» 5$00

À VENDA na Redacção do «SEMPRE PRONTO»

Pedidos pelo correio ou pelo Telef. 63 6607



NO FOGO DO CONSELHO

Estava decorrendo o fogo do conselho, quando o chefe do grupo, voltando-se para Leopoldo, lhe perguntou:

— Então, meu rapaz, não contas, desta vez, uma das tuas?

Leopoldo era rapaz tão modesto como sabedor. Nas horas vagas do emprego, dedicava-se a estudos históricos, colaborando em vários jornais.

Não me lembro de nada que tenha interesse, senhor Cruz.

— Isso dizes tu, para escapares. Mas não creio que tenhas esgotado o repertório.

Leopoldo retorquiu:

— Bem. Já que o senhor Cruz insiste, vou contar-lhes uma anedota...

— Então, venha lá essa anedota. — observou o chefe do grupo.

— É uma anedota verdadeira que encontrei num livro e não deixa de ter a sua graça.

— Então, conta lá...

As chamas do fogo do conselho elevavam-se, rubras e puras, para o céu. Num ribeiro próximo, coaxavam as rãs. O lugar contornava as montanhas, os olivais, um velho moinho de vento...

Leopoldo começou:

— Certa noite, estava el-rei D. Pedro I à lareira quando sentiu muito calor. Então, chamou um moço fidalgo para que se pusesse à frente, isto é, entre ele e a lareira. O fidalgo obedeceu e, daí a pouco, a chama da lareira queimou-lhe a roupa, nas costas. El-rei sentiu o cheiro, mandou-o afastar e, ao ver-lhe o fato queimado, elogiou-o muito e deu-lhe, como prémio do seu valor, a vila de Almeida.

— Muito bem! — exclamou o senhor Cruz. — Foi um acto de grande generosidade.

— Pois, passados dois séculos, — continuou Leopoldo — el-rei D. Manuel I descansava, certa noite, à fogueira. Como estivesse muito calor, houve um fidalgo que se pôs adiante. Então o monarca, sorridente, disse-lhe: *Ai daí, porque a Vila de Almeida já está dada...*

— Muito bem, Leopoldo. Não era nada mau que contasses outra história. Leopoldo pensou e tornou a pensar.

— De outra não é fácil lembrar-se assim de momento...

— Com um bocadinho de boa vontade talvez...

— Bom, recordei-me, agora de outra. É verdadeira e foi passada em França.

— Ora vamos lá ouvi-la...

Na corte do rei Francisco I, existia um bobo, chamado Triboulet, que, certo dia, se foi queixara o monarca, dizendo: *Senhor, o fidalgo Fulano ameaçou-me há dias de que me dava uma grande sova de cacete por eu ter dito a seu respeito umas palavras de que ele não gosta.* O rei sorriu-se e respondeu-lhe: *Descansa, Triboulet. Se algum fidalgo ou plebeu, for tão atrevido que te quebre as costelas, enforco-o um quarto de hora depois.* Então, Triboulet, coçando a cabeça, retorquiu. *O que eu agradecia é que Vossa Magestade o enforcasse um quarto de hora antes...*

MANUEL FERREIRA

«SEMPRE PRONTO»

Numa Exposição de Imprensa Escoteira nos Estados Unidos

O «World Scouting Bulletin» publicou no seu número de Junho passado uma fotografia de uma exposição de jornais e revistas escoteiros, que se efectuou em Swetser, Indiana, nos Estados Unidos, por ocasião de uma reunião distrital de Escoteiros-Chefes, exposição que teve grande êxito e serviu para dar uma mais larga visão do desenvolvimento do Escotismo no mundo.

Vê-se nessa fotografia a legenda *Scouting is International. 72 Countries have Scouting.* (Escotismo é Internacional. 72 países têm Escotismo). Na parte superior esquerda vê-se nitidamente um exemplar do «Sempre Pronto», tendo por cima uma pequena bandeira portuguesa e um dístico «Portugal». O nosso país esteve assim representado pelo nosso jornal naquela exposição.

«Sempre Pronto»

Por motivo de férias do nosso pessoal, «Sempre Pronto» não será publicado em Setembro, do que pedimos desculpa. Em Outubro publicaremos um número duplo.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Escoteiro:

Não sei se já reparaste que a tua Patrulha ainda não deu tudo o que é capaz de dar.

Observa bem os teus escoteiros. Hás-de concluir que existem neles aptidões que não foram, até agora, devidamente aproveitadas.

Por que não procuras imaginar uma actividade, diferente das que são normais, para te dedicares, com os camaradas da Patrulha, à sua realização? O escotismo, vê bem, oferece-te mil e uma oportunidades e um nunca acabar de ideias. Escolhe uma delas, se não a mais difícil de realizar, pelo menos que possa interessar a todos. Quem sabe lá se não será essa actividade o ponto de partida para outras mais complicadas?

Deitem mãos à obra e já! Façam qualquer coisa que arranque a Patrulha desse ramerrão em que por vezes cai a sua vida.

Não gostarias de dizer, com orgulho, que na tua Patralha há um verdadeiro espírito de iniciativa? Não sentirias satisfação ao pensares: A minha patrulha fez isto?

Acredita: tu e os teus companheiros podem FAZER QUALQUER COISA. Olha. Porque não se entregam à organização de... Não te quero sugerir ideia alguma Quero que sejas tu próprio a descobrires a próxima actividade da Patrulha, porque sei que TU PODES ALGO de muito interessante. A questão é de pôr em movimento, com bom senso, os talentos dos teus companheiros da Patrulha.

TU PODES, SE QUISERES!

O amigo certo

«Sempre Pronto»

LOBO VELHO

Primeiros Socorros

II

Conforme dissemos no último número, a vida da vítima do acidente pode depender daquilo que for feito nos primeiros momentos ou daquilo que NÃO FOR FEITO. Isto quer dizer que há casos em que é preciso actuar imediatamente antes de chamar o médico ou enquanto se chama o médico, se há quem possa ser encarregue deste serviço.

Um destes casos é quando se verificam hemorragias externas. (As hemorragias internas só o médico poderá socorrer). Neste caso será necessário providenciar no sentido de estancar o sangue, visto que um derramamento demorado fará correr perigo a vida do doente.

Hemorragia nasal

O sangue corre pelas fossas nasais. Sente o ferido e faça-o inclinar a cabeça para trás. Aperte-lhe as narinas durante um período de cinco minutos. Na melhor das hipóteses isso poderá concorrer para que se forme um coágulo na vaso ou vasos atingidos e a hemorragia cesse.

Se isso não acontecer, dobre uma folha de papel de forma a fazer um rectângulo de 6 mm. de espessura e coloque-o debaixo do lábio superior e comprima o lábio firmemente contra ele, a fim de provocar a obliteração do vaso sanguíneo.

Se estes expedientes não derem resultado e puder dispor de água oxigenada ou álcool, faça um tampão de gaze esterilizada ou de algodão embebido num daqueles produtos e introduza na narina afectada, deixando uma ponta de fora para que possa ser retirado fàcilmente. Pode ainda colocar uma toalha húmida e fria sobre o rosto, mantendo o paciente sempre calmo.

Se estes socorros não derem resultado é indispensável a presença do médico.

Pág. 6 ——→

Os segredos do Pintaínho Sabichão

Aqui para nós que ninguém nos ouve, quantas vezes não nos é difícil fazer uma coisa, só porque não sabemos aqueles «segredos» que só os «Lobos Velhos» conhecem? Nem têm conta!

Pois é alguns desses segredos que vou ensinar aqui. Não pensem que eu sou um «Lobo Velho», daqueles já experimentadíssimos, daqueles que quando nós já estamos fartos de dar nós e mais nós para prender qualquer objecto, vêm ter connosco, com aquele sorriso de pessoa compreensiva, dão uma volta à espia e zás! já está! Não, não sou desses e não foi fácil saber estes segredos. Procurei-os em almanaques e alfarrábios ou perguntei-os, aos tais sabidos.

Mas vamos a eles:

Se tens material de alumínio, como panelas, garfos ou qualquer outro utensílio e queres que eles brilhem como prata, basta banhares o material numa dissolução quente de 10 % de soda cáustica saturada de sal comum. Quinze ou vinte segundos depois, retiram-se, esfregam-se com uma escova, lavam-se bem e tornam-se a meter no banho por um espaço de meio minuto. Em seguida, lavam-se com água e enxugam-se com serradura. Ficarás surpreendido com o resultado.

Quando limpares os móveis da tua sede, se quiseres que fiquem com um brilho surpreendente, fricciona-os com a seguinte mistura: óleo de linhaça fervido, vinagre e terebentina em partes iguais.

Se na tua sede ou mesmo em tua casa há baratas ou carochas, poderás pôr no sobrado uma porção de enxofre em pó e os hóspedes incomodativos desertam em pouco tempo.

As cebolas cortadas absorvem ràpidamente as impurezas do ar e operam como desinfectante. Portanto, nunca se devem empregar nos guisados cebolas que tenham estado cortadas durante horas.

Quando se não pode olhar pelas plantas durante uns dias, evita-se que elas sequem embora não sejam regadas, colocando os vasos sobre tijolos e estes dentro de um recipiente com água, cuja altura não deve ultrapassar a dos tijolos. Com estes simples processo, consegue-se que as plantas permaneçam tão frescas como se fossem regadas diàriamente.

E pronto! Qualquer dúvida que tenham ou se precisarem de algum conselho, não tenham medo de me escrever. Se eu os puder esclarecer, com muito boa vontade o farei.

PINTAÍNHO SABICHÃO

TERTÚLIA DO CHEFE

ESCOTISMO

MOVIMENTO-ACÇÃO

A falta de dinamismo dos chefes e dirigentes escotistas está na origem da apatia que se constata em alguns grupos de escoteiros ou até noutros sectores associativos. Dessa apatia resulta a estagnação, e, atrás dela, o retrocesso e a diminuição da qualidade do Escotismo que se pratica. Quando o caso se agrava, pode acontecer que do real e verdadeiro Escotismo, só se vislumbre uma pálida sombra.

A vida buliçosa do rapaz requer *acção e aventura*; têm de se proporcionar as circunstâncias e os locais que permitam ao rapaz praticar e pôr em acção os seus *conhecimentos* e *qualidades*, para que, tanto uns como as outras, possam ser desenvolvidos.

Só a prática activa de exercícios que conduzam a um determinado fim nos pode dar uma certa garantia de se atingir tal objectivo. Não basta recitar e saber explicar a Lei do Escoteiro — é preciso vivê-la com a preocupação de se acertar cada vez mais. O espírito de iniciativa não se desenvolve com palestras que foquem a necessidade da existência e desenvolvimento desse espírito — há que pôr os rapazes perante factos e problemas que realmente tenham de ser resolvidos por eles, para que, forçados a isso, tenham de pôr em prática todo o seu poder de iniciativa e acção. Não basta falar constantemente na necessidade dos escoteiros serem amigos, cooperarem, obedecerem e saberem dirigir. Falar-lhes nessas coisas é, quase sempre, de efeitos contrários, na medida em que as palavras dos outros os aborrecem e entram por um ouvido para sair pelo outro, caindo fàcilmente no esquecimento. O que é necessário é pô-los perante casos concretos onde só consigam chegar a bons resultados à custa da existência duma verdadeira amizade, coadjuvada por um espírito de cooperação, por um dirigismo correcto e bem orientado, completado pelo indispensável espírito de disciplina.

Assim, sim! Eles sentirão por si próprios as falhas da sua conduta, através dos fracassos que sofrerem. Nesses pontos das várias actividades — aí sim — deve o Chefe fazer ligeiras, rápidas mas precisas e seguras observações que chamem a atenção do rapaz para as suas falhas ou falta de qualidades; essas observações deverão ser feitas, nalguns casos discretamente, e sem um forte sentido recriminativo, para não desanimar o rapaz, antes procurando fazer-lhe sentir que tem possibilidades de melhorar e o há-de conseguir. É mais aconselhável, as mais das vezes, dar-lhe ânimo, do que recriminá-lo demasiadamente.

No aspecto que estamos focando, é importantíssimo a aplicação real do sistema de Patrulhas, pois na maioria dos casos o Chefe não terá de chamar a atenção dos Escoteiros para as suas falhas; pelo desenvolvimento de trabalho semelhante e simultâneo em duas ou três Patrulhas, os rapazes sentirão bem a diferença da sua actuação pela comparação com o que vêem nas outras Patrulhas, anotando muito mais fácil e salutarmente as suas falhas. É aqui que a competição bem orientada dá os seus frutos.

Quantas vezes temos ouvido fazer prelecções aos rapazes, lamentando o estado de coisas existente e a sua falta de interesse. Essas lamentações não são, normalmente, seguidas de quaisquer discussões ou actividades que procurem modificar esse estado de coisas; correspondem, antes, a um estado doentio do chefe que, já também, não sente força, não tem convicção, ou não conhece os meios para sair da apatia em que os Escoteiros, e ele próprio, se encontram.

Essas lamentações só servem para criar desânimo nos próprios Escoteiros, incutindo-lhes a sensação de que não podem vencer as dificuldades, isso mesmo antes de o tentarem.

Para levarmos avante qualquer tarefa, é condição indispensável, primeiro que tudo, que *estejamos convictos da nossa capacidade* de a executar, tal como um general só ganha uma batalha se estiver convencido de que a pode ganhar — Se ele duvidar, ainda que por instantes, da sua vitória, tal hesitação poderá ser-lhe fatal.

Em segundo lugar, é indispensável *sabermos bem onde queremos chegar*, estabelecendo planos descriminados dos vários passos que deveremos desenvolver.

A terceira condição de sucesso é *começarmos a dar execução* ao plano estabelecido. (Não acheis estranha esta observação, pois que tenho visto muitas pessoas desistirem, antes mesmo de começarem).

A condição quarta para se atingir o objectivo desejado é a de *termos a força de vontade* necessária para prosseguirmos na execução do nosso plano, reforçando a nossa acção quando as dificuldades nos surgem maiores; um pequeno fraquejar nesse momento, seria o fracasso total.

Por último, é preciso não esquecer a necessidade de *sermos maleáveis* amoldando os nossos planos a certas circunstâncias que surjam, pois que, durante o desenvolvimento da acção, poderemos vislumbrar novo caminho parcial mais fácil.

Meditando algum tanto nos problemas atrás expostos e baseado em exemplos próprios e alheios, tenho visto confirmados os considerandos feitos. Estou certo, caro amigo leitor e possível chefe ou dirigente, que se fizerdes como se indica dentro do vosso âmbito, tudo correrá melhor e o nosso objectivo será atingido:

Aplicar um mais perfeito Escotismo para proveito e melhor formação da nossa juventude, que o praticará como um verdadeiro Movimento, em permanente acção e evolução, tornado numa atracção para o rapaz, e não em mais uma fastidiosa maçada de que ele se quer livrar.

O Escotismo é um Movimento e não uma Organização, embora necessite da organização indispensável para não cair na confusão que encrava o desenvolvimento normal das actividades.

Analisai cada um dos vossos casos e verificai em qual deles vos encontrais:

1 — *Escotismo — Movimento*, o verdadeiro, aquele de que o rapaz gosta e que ajuda à sua formação completa, ou

2 — «*Escotismo*» — *Organização* ou (1)

3 — «*Escotismo*» — *desorganizado*, ou (1)

4 — «*Escotismo*» — *Lamuriento*, ou (1)

5 — «*Escotismo*» — *Escola*, ou (1)

6 — «*Escotismo*» — *Desporto*, ou (1)

7 — «*Escotismo*» — *Campismo*, ou (1) por último

8 — «*Escotismo*» — *desregrado* (1)

Se depois da análise desconfiardes de que estais nalgum dos sete últimos casos, procurai transformar o que estais fazendo, porque isso não é Escotismo. Se reconhecerdes que está decorrendo qualquer dos casos maus atrás indicados, procurai ter a coragem e a força de vontade para modificar esse estado de coisas, ou, então, de abandonar o

Pág. 7 ——→

PÁGINA DO ESCOTEIRO

Primeiros Socorros

← Pág. 4

Hemorragia arterial ou venosa

Quando se verifica uma hemorragia, é indispensável distinguir se esta é *arterial* ou *venosa*. Se o sangue corre em borbotões e é de cor viva, a hemorragia é *arterial*. Quer isto dizer que é uma *artéria* o vaso atingido e que o sangue corre do coração para a extremidade do membro. Se o sangue escorre lentamente e é de cor escura, a hemorragia é *venosa*. Isto significa que o vaso atingido é uma *veia* e o sangue regressa ao coração.

Deite o ferido para evitar o desmaio. Com uma gaze esterilizada, um lenço lavado, uma toalha, uma camisa ou qualquer outro pano que tenha à mão, tão limpo quanto for possível obter, faça pressão sobre a ferida com a mão toda. Se for uma hemorragia arterial, a pressão deve ser exercida um pouco acima do ferimento. Se for venosa, um pouco abaixo do corte. Se puder distinguir o vaso atingido, faça pressão sobre ele para que o sangue estanque.

Os Escoteiros sabem como aplicar torniquetes. Com o cordão de apito, com o lenço escoteiro ou uma gravata, poderá aplicar o torniquete acima do corte para as hemorragias arteriais e abaixo para as venosas e, assim, estancar o sangue e poder ser transportado o ferido.

O torniquete não deverá ser mantido por tempo demasiado pois poderia dar origem à gangrena do membro afectado. Se o transporte for demorado, deverá ser aliviado de vez em quando.

Quando a hemorragia estiver localizada na cabeça, no pescoço ou no tronco não deve ser feita compressão local. É necessário socorro médico urgentíssimo.

Estado de choque

Em caso de ferimentos graves, é sempre de recear o estado de choque, que carece de tratamento urgente. O primeiro socorro consiste em minorar esse estado, cujos sintomas são a palidez, pele húmida e fria; pulso rápido; respiração curta, rápida ou irregular; inquietação e nervosismo.

Mantenha o ferido deitado, com a cabeça mais baixa que os pés, excepção se houver ferimentos na cabeça ou no peito. Neste caso, levante-lhe a cabeça e a parte superior do tronco, fazendo-o descansar sobre almofadas ou qualquer peça de vestuário que as possam substituir. Em caso de dificuldade na respiração, baixe a cabeça do doente.

Desaperte a roupa do doente: colarinho, calças, cuecas, colete, etc., ou saias, blusa, corpete, meias, etc., para que a circulação sanguínea se faça normalmente. Conserve o doente naturalmente aquecido. Pode tapá-lo com um cobertor, mas não o faça suar nem o aqueça artificialmente.

Se o doente tiver sede e estiver consciente poderá dar-lhe pequenos goles de água pura natural (nem quente nem gelada). Nunca lhe dê bebidas alcoólicas ou estimulantes (chá, café). Não lhe dê qualquer bebida se estiver com vontade de vomitar ou com algum ferimento profundo no abdómen.

A II Exposição Nacional do Selo Escoteiro

Com a assistência de numeroso público, representantes do Clube Filatélico, do Corpo Nacional de Escutas, da Associação dos Escoteiros de Portugal e da Fraternal dos Antigos Escoteiros, foi esta exposição inaugurada em 6 do corrente nas salas do Ateneu Comercial de Lisboa, uma vez mais gentilmente postas à disposição dos Escoteiros de Portugal pela digna Direcção desta tão prestimosa instituição.

O Júri constituído pelos Srs. Drs. A. J. Vasconcelos de Carvalho, Montenegro Carneiro e Eugénio Henrique Ramos, que prèviamente tinha já apreciado as colecções dos catorze concorrentes, demorou-se uma vez mais na observação dos quadros expostos, tendo-se depois retirado para deliberar acerca da classificação, que ficou assim estabelecida:

1.º Sr. Capitão Marques Loureiro
2.º Sr. Artur José Pereira Barbosa
3.º Sr. Capitão F. Lemos da Silveira
4.º Sr. Armando Avelãs e Silva
5.º Sr. Wolfgang Karl
6.º Sr. José Cláudio Pereira
7.º Sr. Ferrer Sigesmundo Monteiro
8.º Sr. José Manuel Miranda de Melo
9.º Sr. Ernesto Patrício Franco
10.º Sr. António da Cruz Bernardo
11.º Sr. Ernesto Clímaco do Nascimento
12.º Sr. Henrique Barroqueiro
13.º Sr. José Manuel Pereira
14.º Sr. José Eduardo Pena Ribeiro

Os prémios atribuídos são os seguintes:

1.º Taça «Associação dos Escoteiros de Portugal», oferta da mesma.

2.º Taça «Comandante Álvaro de Melo Machado», oferta da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

3.º Taça «Dr. Tovar de Lemos», oferta do Sr. Ferrer Sigesmundo Monteiro.

4.º Taça «Escoteiros da Beira», oferta do Grupo da Lusalite.

Serão ainda distribuídos pelos concorrentes os seguintes prémios: 6 livros «Mais Além», oferecidos por este jornal; 6 medalhas e diplomas da Secção Filatélica da Fraternal; 6 catálogos «Desporto e Escotismo» da casa Brun et Fils. Uma colecção de tiras Hawid da casa J. Ell.

O Clube Filatélico de Portugal oferece também a cada um dos concorrentes prémios constituídos por 10 folhas de álbum e 10 sobrescritos comemorativos.

A Exposição tem sido muito concorrida pelo público e constituiu um êxito notável, porquanto, limitando-se a uma temática reduzida, que nos meios filatélicos não chega sequer a ser temática pois está incluída na dos Desportos, revelou-se bastante interessante e demonstrou que os selos de Escotismo atingem já desenvolvimento que justificam a constituição de uma temática independente.

O critério do Júri revelou-se, como era de esperar, inteiramente justo na atribuição das classificações, distinguindo com os principais prémios colecções importantes e muito completas, exibindo mesmo exemplares valiosos.

Permitimo-nos discordar da selecção feita para exposição. Enquanto alguns concorrentes puderam expor até peças filatélicas que só por lapso podem ter sido aceites por escoteiras, com o risco de algumas delas induzirem o público em erro; outros viram excluídos exemplares de cunho perfeitamente escoteiro e até filatèlicamente raros. O facto justifica-se porque nesta Exposição convergiam duas qualidades de expositores: Aqueles cujo principal interesse era a Filatelia e outros cujo principal interesse era o Escotismo. Aqueles tiveram critério mais de harmonia com normas filatélicas; estes ignoravam muitas destas regras porque o seu principal interesse é o Escotismo. Como o regulamento da Exposição não indicava normas a que se devessem cingir, expuseram os seus exemplares segundo um critério mais Escoteiro que filatélico. A colecção, por exemplo, do Sr. José Manuel Miranda de Melo apresentava-se com uma interessante disposição artística, mas ouvimos fazer-lhe reparos por não estar de harmonia com os cânones filatélicos.

Viam-se na Exposição, além dos selos, muitos sobrescritos de primeiro dia e comemorativos. Neste aspecto, distinguia-se a colecção do Sr. Wolfgang Karl, embora outros expositores apresentassem também exemplares interessantes.

Está, pois, de parabéns a Secção Filatélica da Fraternal e todos aqueles que patrocinaram esta certame, mormente o Sr. Correio Mor, as direcções do Clube Filatélico de Portugal, da Associação dos Escoteiros de Portugal, da Fraternal e do «Sempre Pronto».

★ ● ★

Os Escoteiros de Portugal NA BEIRA

No Dondo, perto da cidade da Beira, província de Moçambique, realizou-se na tarde de 23 de Junho passado uma interessante cerimónia para compromisso de honra de guias e escoteiros que vão constituir os grupos que se encontram em organização na Lusalite de Moçambique.

Foi publicada uma ordem de serviço com uma exortação às novas guias e escoteiros subscrita pela sr.ª D. Maria Teresa M. S. Pereira Jardim e Alfredo Rodrigues.

Houve desfile, hastear das bandeiras nacional e do escotismo, transmissão de mensagens por homográfico, exercícios de primeiros socorros, macas, sinais de pista, jantar e fogo de conselho.

Compareceram, e houve larga confraternização, escoteiros da cidade da Beira.

O ex-presidente dos Escoteiros de Portugal, sr. eng.º Jorge Pereira Jardim, fez uma sentida alocução aos escoteiros apontando-lhes o caminho do dever e vincando bem que *uma vez escoteiro, sempre escoteiro* e que, portanto, quem foi escoteiro um dia terá de ser até morrer.

Reina grande entusiasmo entre os novos escoteiros do Dondo, o que nos assegura que vai haver ali um grande grupo de escoteiros para bem servir Portugal.

As cerimónias do fogo de conselho terminaram às 20 horas com o Hino Nacional cantado por todos os presentes.

★ ● ★

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Uma homenagem da Cruz Vermelha Portuguesa à Directora dos Serviços Auxiliares Femininos do Funchal

As senhoras que compõem os Serviços Auxiliares Femininos da Cruz Vermelha Portuguesa, do Funchal, prestaram uma justa homenagem à sua directora, a sr.ª D. Carolina Rosa Machado, no dia do seu aniversário natalício, 4 de Julho passado.

A espontânea cerimónia, realizou-se no «Ninho», outra organização de carácter beneficente, fundada pela homenageada, e consistiu na oferta de lençóis, toalhas e peças de vestuário para as crianças protegidas pela referida obra.

Uma das senhoras dirigiu palavras de amizade à sr.ª D. Carolina Machado, desejando-lhe longa vida e as maiores felicidades, o que, muito comovida, a homenageada agradeceu.

Esta senhora, que a todas as organizações de carácter benemerente oferece sempre a sua prestimosa cooperação, é desde há longos anos elemento destacado do Movimento das Guias de Portugal, a cujo espírito e ideais sempre se conservou fiel.

«Sempre Pronto» associa-se gostosamente à simpática homenagem, fazendo votos de que a ilustre senhora continue a ser feliz nas suas úteis iniciativas e conte muitos anos de vida abençoada.

Dicionário de Sinónimos

Prossegue a publicação da 3.ª edição do Dicionário de Sinónimos da Língua Portuguesa, organizado e editado pela Tertúlia Edípica, a mais completa obra de sinonímia publicada no nosso país.

O terceiro fascículo de 144 págs. vai dos vocábulos «Desenraivecer» a «Extraviado». O volume completo é constituído por 6 fascículos, que são vendidos a 25$00 cada um.

No fascículo que temos presente é registado o vocábulo «ESCOTEIRO» com os sinónimos de *desacompanhado, desimpedido, explorador, lépido, leve, pioneiro, puro, só, veloz*, o que uma vez mais vem reforçar a perfeita ortografia daquela palavra e a pertinência do seu uso.

O Dicionário pode ser requisitado directamente àquela Tertúlia, Rua de Arroios, 11-r/c.—Lisboa 1.

* ● *

Prof. António Álvaro Dória

No passado mês de Julho, esteve alguns dias em Lisboa o nosso bom amigo e estimado colaborador sr. Prof. António Álvaro Dória, a quem tivemos o prazer de falar.

TERTÚLIA DO CHEFE

← *Pág. 5*

Escotismo, porque a vossa acção no seu seio só será prejudicial.

Saudações do vosso Companheiro

LEÃO DA SELVA

(1) A qualquer destes casos só lhes aplicou a designação de «escotismo» mais por ironia do que por direito próprio.

• • o • •



Chefe Prof. Gabriel Skinner

Pela revista «Sempre Alerta!» de Maio-Junho agora recebida, soubemos do falecimento ocorrido na Guanabara, em Abril passado, deste prestigioso dirigente escotista brasileiro, que foi Comissário Técnico da U. E. B., tendo passado por quase todos os cargos daquela associação irmã.

O Chefe Skinner prestou relevantes serviços ao Escotismo no Brasil, perdendo o Movimento com a sua morte «um dos seus grandes e veteranos batalhadores», como se afirma naquela revista oficial da U. E. B. Possuía a mais alta condecoração escoteira do Brasil, o Tapir de Prata.

«Sempre Pronto» apresenta sentidas condolências à União dos Escoteiros do Brasil.

TEATRO ESCOTEIRO

"No Rumo da Lei"

PEÇA EM 2 ACTOS

POR LOBO VELHO

2.º ACTO

(*Continuação do n.º 207*)

Carlos — Entre nós não há favores. Se o que tu queres é alguma coisa que eu possa fazer, já sabes que mandas.

Luís — Queria que me apresentasses ao teu chefe. Também quero ser Escoteiro!

Carlos — Bravo!

Luís — Já tenho autorização do pai!

Carlos — Venha de lá esse abraço! *(abraçam-se)* Se quiseres vais agora comigo à sede.

Luís — Está bem! Espera um pouco que vou dizer ao pai.

Carlos *(Sòzinho)* — Sinto-me feliz! Agora compreendo como verdadeiramente todas as coisas que nos acontecem são para nosso bem. O meu irmão, escoteiro... aquilo que eu mais desejava!

(Dá duas voltas na casa trauteando uma canção escoteira. Nisto batem à porta. Volta-se surpreendido)

— Quem é?

Guia *(De fora)* — Sempre Pronto!

Carlos — Sempre mais alto! Entra guia!

Guia *(entrando)* — Dás-me licença? Estás bom?

Carlos — Eu fixe. E tu?

Guia — Óptimo, como sempre!

Carlos — Não te esperava a esta hora. Temos a reunião!

Guia — Venho trazer-te uma grande notícia!

Carlos — Outra!

Guia — Quê! Também tens alguma?

Carlos — Isto tem sido um dia feliz! Mas conta, conta.

Guia — Não, não! Conta lá tu primeiro. Estou ansioso!

Carlos — O meu irmão vai ser escoteiro!

Guia (*Dando um grito de alegria)* — Belo!... E o teu pai?

Carlos — O meu pai transformou-se no melhor amigo dos escoteiros.

Guia — Um bom escoteiro vence todas as dificuldades. Tu venceste porque foste digno da tua farda. Estou a compreender tudo. És um valente! *(abraça-o)*.

Carlos — Deixa-te de graças e conta lá essa novidade. Não me faças sofrer mais na expectativa.

Guia — Não vais mais para o estaleiro. Arranjei-te emprego como ajudante de electricista.

Carlos — Ajudante! Então não vou para aprendiz?

Guia — Não tens a especialidade?

Carlos — *(Apontando-a)* Lá isso tenho.

Guia — Então já podes ser ajudante!

Carlos — E quanto vou ganhar?

Guia — Trinta escudos diários.

Carlos — És um verdadeiro irmão!

Luís *(entrando)* — Ora viva, Pedro, como estás?

Guia — Eu estou fino e tu, como vais?

Luís — Bem, obrigado.

Guia — Parabéns!

Luís — Porquê?

Guia — Já sei que vais ser Escoteiro e acredita que folgo bastante com isso. É para mim uma grande alegria.

Luís— Quero aprender a ser um homem como o meu irmão.

Carlos — Cala-te. Não digas tolices.

Pai *(entrando do interior)* — Ora viva! Sr. Pedro. Há alguma novidade?

Carlos *(Interrompendo e com vivacidade)* — O Guia arranjou-me emprego como ajudante de electricista. E a ganhar trinta escudos diários!

Mãe *(entrando)* — Que dizes? Vais ganhar trinta escudos? Onde?

Carlos *(alegre)* — Como ajudante de electricista.

Pai — Obrigado, Sr. Pedro, muito obrigado!

Mãe — Como Deus é bom! Que dia tão feliz!

Pai — Não sei, de facto, como agradecer tantas bênçãos recebidas exactamente quando me julgava desamparado de tudo e de todos. Agora até já tenho fé de que também se me deparará uma colocação. Olhe, sr. Pedro, pedia-lhe o favor de dizer ao Chefe que gostava muito que aqui viesse hoje para falar comigo. Olhe traga também os rapazes da sua Patrulha. Agradece-lhe muito.

Guia— Está bem, vou já dizer ao Chefe. *(Vai sair, mas volta atrás)*. Dá licença que o Luís me acompanhe?

Pai — Ora essa, sr. Pedro!

Guia — Até já! *(Sai)*

(Continua no próximo número)

ANEDOTAS

Um homem foi consultar um médico. Depois de o observar, o clínico prescreveu-lhe determinado tratamento.

Uma semana depois, o homem voltou ao médico.

— Então, sente-se melhor? — perguntou-lhe este.

— Sim, estou um pouco melhor.

— Se seguir o tratamento que lhe indiquei — volveu o médico — pode estar certo de que há-de chegar aos 80 anos.

Replica o doente:

— Mas 80 anos já os tenho eu.

Resposta do médico:

— Vê, vê? Eu não lhe dizia?

●

Num hotel de luxo, em Londres, um cavalheiro correctíssimo aproxima-se de um outro cavalheiro, também extremamente distinto, e, cumprimentando-o com todas as cerimónias, pergunta-lhe:

— Não foi V. Ex.ª que tive o prazer de encontrar em Paris?

— Deve estar confundido. Eu nunca estive em Paris.

Volve o primeiro:

— É curioso, eu também nunca estive lá. Devem ter sido duas pessoas diferentes.

Solução do Problema Policial N.º 11

A MORTE DO CIENTISTA

O Cientista foi envenenado. O veneno poderoso encontrava se dentro do bloco de gelo. Logo que este derreteu, a água ficou contaminada.

AS DESVENTURAS DO ZÉ ESCOTEIRO



Zé escoteiro é o tipo perfeito do escoteiro de hoje. Gosta de Rocks, é prestável como todos os bons escoteiros mas é demasiado descontraído (o mal do século). Depois de o conhecermos, vamos passar a ler alguns episódios alegres da vida do nosso Zé escoteiro.

* * *

Fazia um poucochinho de vento e corria uma ligeira corrente fresca. O Zé, depois de sair do Jambori do Jubileu, o último a que ele foi — dirigia-se para a alfândega. Saía de lá pouco tempo depois com uma cara feliz de quem teria sido bem sucedido em qualquer coisa.

A discordar com o tempo que fazia, ia impecàvelmente fardado, com as mangas arregaçadas e com um sobretudo na mão, tentando tapar um cesto que parecia afligi-lo.

Entrou para o comboio, retirou a mochila e pôs o seu misterioso cesto por cima da rede que existe em quase todos os comboios.

Sentou-se não desviando os olhos do «tal» cesto.

Um senhor bem vestido, de gravata às bolinhas e de careca lusídia, depois de muito olhar para o nosso amigo Zé não conseguiu fugir à tentação de também olhar para o famigerado cesto que estava mesmo sobre a sua careca. Quase simultâneamente uns pingos dum líquido caíram do «tal» cesto em cima da respeitável careca do senhor da gravata das bolinhas.

O senhor levou a mão à careca, cheirou e com um sorriso amarelo (especial para situações como esta) perguntou ao nosso Zé:

— Com que então um contrabandozito de Uísque?

O Zé riu-se a bom rir e disse-lhe ao ouvido descontraìdamente:

— É um galgo puro.

HÉLDER MARTINS

É bom saber...

Remédio para a calvície

Um médico português, Francisco da Fonseca Henriques, que viveu há 200 anos, tinha uma curiosa receita para a calvície: manteiga de urso, mosca ou rã queimada ou unto de homem que acabasse com morte violenta. Livra!!!

A origem das batatas

A batata, o saboroso tubérculo que todos nós apreciamos, é originária do Peru. Foi graças às viagens dos Portugueses e Espanhóis no século XVI que se deu a sua introdução na Europa.

Além do seu emprego importantíssimo na alimentação, a batata é ainda usada no fabrico do amido e dextrina e aplicada nas indústrias de têxteis e do papel.

A Europa é actualmente o maior produtor de batata.

Animais exóticos

Na Ásia Central existe um animal selvagem que se chama boi-cavalo.

Este nome tem a sua razão de ser no facto do animal se assemelhar na cabeça ao boi e na redondeza do corpo ao cavalo. Tem longos pêlos sedosos, que lhe cobrem os lados do tronco, parecidos com os de cabra.

Domestica-se com muita facilidade e tem uma carne saborosa, em especial quando novo.

A cauda deste animal constitui um trofeu de guerra. Certas tribos do Oriente pagam-nas por elevados preços.

Soluções do número de Julho

ACRÓSTICO

ÉVORA
ELVAS
GUINÉ
TOMAR
LAGOS

■

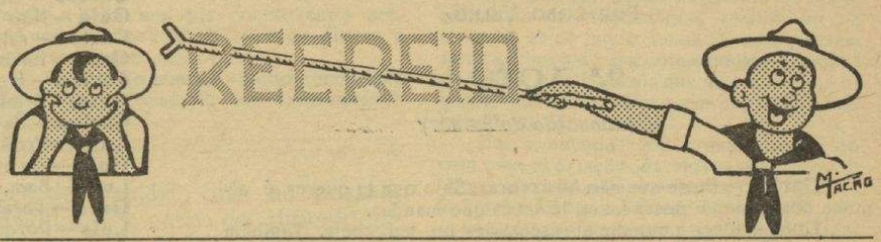
PALAVRA QUADRADA

ADEJA
DEDAL
EDUCA
JACTO
ALAOS

■

PASTEL

Tovar de Lemos
Duarte Silva
Jorge Jardim
Eugénio Ramos



PALAVRA QUADRADA

	1	2	3	4	
1					Cidade da Europa
2					Vila de Portugal
3					Objecto de viagem
4					Lavrar

ACRÓSTICO

P	x	x	x	x	x	Flor
x	A	x	x	x	x	Historiador Romano
x	x	S	x	x	x	Cidade
x	x	x	C	x	x	Fragmento
x	x	x	x	O	x	Nome de homem
x	x	x	x	x	A	Fruto

ADIVINHAS

I

Se sem companhia estás
Junta um L ao teu estado
E companheiro terás,
De todos o mais doirado.

II

Tenho folhas, não sou planta,
Alimento e não sou pão.
Com muita idade, sou novo...
Amigos, quem sou então?